

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
JAQUELINE MARIA COELHO MACIEL

**AS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Um olhar sobre o contexto de uma creche pública de Florianópolis**

JAQUELINE MARIA COELHO MACIEL

**AS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Um olhar sobre o contexto de uma creche pública de Florianópolis**

Trabalho submetido ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Iracema Munarim

Florianópolis – SC

2014

JACQUELINE MARIA COELHO MACIEL

**AS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Um olhar sobre o contexto de uma creche pública de Florianópolis**

Trabalho de conclusão do curso apresentado a Universidade Federal de Santa Catarina como exigência parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil.

Aprovado em: / /2014.

BANCA EXAMINADORA

Professora Ms. Ana Paola Sganderla (avaliadora)

Professora Ms. Mariana Mendonça Lisbôa (avaliadora)

Professor Dr. Rogério Santos Pereira (suplente)

Dedico este trabalho a todos os meus colegas de caminhada que como eu, acreditam em uma Educação Pública gratuita e de qualidade. Em especial aos colegas que trabalham ou já trabalharam na Creche Stella Maris, entre estes: Anna Paula Feminella, Camila Mendes de Jesus, Giselda Cruz, Marcela de Leon da Silva, Márcia Dinésia da Silva, Mareluce Gehrke, Marlene Febrônia Alves, Michelle Goulart, Thaísa Neivert, Vera Regina Caparica de Souto, Zenaide Machado, por sempre acreditarem em minha capacidade e incentivar a continuidade de meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e pela oportunidade de pensar, refletir e procurar praticar o que é certo, justo e bom.

Agradeço a minha família pela paciência e apoio durante o período do curso.

Agradeço ao CAPES pela oportunidade de continuar meus estudos.

Agradeço a equipe do CEDEI-NDI pelo privilégio em participar desta formação, pela dedicação e compreensão durante o curso.

Agradeço a minha querida Orientadora Iracema Munarim que se mostrou amiga, paciente e provocadora de novas ideias.

Agradeço meus colegas de curso pelas aprendizagens compartilhadas, pelas risadas e pelas vivências tão ricas.

Agradeço minha querida amiga Camila Mendes de Jesus, que neste tempo do curso foi minha parceira de todas as horas, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na creche, no colégio, no ônibus e na rua.

Agradeço aos professores que participaram desta pesquisa.

Agradeço minha querida amiga Mareluce Gerke que me impulsionou a usar as mídias em minha prática pedagógica.

Agradeço minha companheira Vanessa Fortes que em tão pouco tempo já me ensinou tanto.

Agradeço especialmente as crianças que me ensinam a cada dia.

“Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa: Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos”.

Rubem Alves

RESUMO

Esta pesquisa investigou como os professores de uma creche pública de Florianópolis incluem em sua prática docente a televisão e outras mídias como recursos pedagógicos. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa utilizando questionários com os professores de quatro grupos da instituição, incluindo nesta pesquisa professores e auxiliares de sala. Também foram utilizadas para reflexão as anotações diárias da pesquisadora, num processo de reflexão sobre a própria prática pedagógica a partir dos relatos e experiências vividos em sala de aula, bem como as observações voltadas à pesquisa registradas em diário de campo. Com a presente investigação foi possível conhecer quais as mídias utilizadas no planejamento e prática pedagógica dos professores, bem como os equipamentos disponibilizados pela instituição. A partir das respostas dos questionários e das observações, refletimos sobre a televisão e as mídias na rotina das crianças da creche. A pesquisa revelou que os professores fazem uso de algumas mídias e tecnologias, mas muitas vezes não planejam essa ação, nem reflete sobre elas. Mostrou também que há certo receio na utilização de outras mídias disponíveis na instituição, sendo necessário repensar sobre o papel do professor como mediador deste processo a partir de uma prática pedagógica consistente e articulada com o Projeto Político Pedagógico da instituição. Ao final a pesquisadora compara o voo dos pássaros à prática pedagógica, revelando a necessidade de refletir sobre o papel do professor frente às diferentes mídias e tecnologias.

Palavras-chave: *Educação Infantil, mídias, tecnologias, planejamento do professor e reflexão sobre a prática.*

Sumário

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO.....	14
1. BRINCANDO DE CINEMA NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE O PLANEJAMENTO DO PROFESSOR A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NA CRECHE.....	17
2. O CAMPO PESQUISADO E METODOLOGIA DA PESQUISA.....	28
3. DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Dados pessoais dos entrevistados	34
Tabela 2:	As tecnologias digitais/mídias utilizadas no uso pessoal	35
Tabela 3:	As tecnologias digitais/mídias utilizadas como ferramenta de trabalho.....	36
Tabela 4:	Os materiais disponíveis na instituição	37
Tabela 5:	Materiais midiáticos disponibilizados e utilizados	39
Tabela 6:	Interesse das crianças pelos materiais midiáticos	42
Tabela 7:	Escala entre 0 e 10 em interesse em desenhos/filmes preferido nos momentos de vídeos	43

APRESENTAÇÃO

Ao me inscrever no curso de pós-graduação em Educação Infantil promovido pela UFSC/NDI precisava apresentar um tema de projeto de pesquisa. Inicialmente pensei no aprofundamento da pesquisa realizada em minha graduação, que versava sobre o tema “O papel da arte na educação infantil, um olhar sobre a prática do professor.”

Quando me propus a este estudo no ano de 2012 no curso de graduação em pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, a problemática apresentada era que os professores de Educação Infantil fazem e propõem muitas vezes o trabalho com artes sem perceber a real importância e sem a preparação necessária para isso. Mas o que realmente motivou aquele estudo foi perceber que as teorias a que tive acesso durante o curso de graduação se confrontavam com minha própria prática dentro das unidades de Educação Infantil durante os vinte anos em que atuei (e ainda atuo) na rede pública como auxiliar de sala. Ao concluir aquela pesquisa muitos questionamentos foram respondidos, todavia, novos questionamentos vieram à tona, por isso mantive por um tempo o interesse na continuidade da pesquisa.

Contudo, logo no início deste curso de pós-graduação (CEDEI/NDI/UFSC), meus estudos e reflexões foram ainda mais provocados e desafiados: ao estarmos inseridos em um espaço de Educação Infantil, a teoria então adquirida vai se confrontando com nossa própria prática e com a prática de colegas da mesma caminhada.

As inquietações provocadas pelo curso me levaram a pensar nas vivências e práticas da instituição onde atuo. Se o que me incomoda, me leva a refletir, me inspira e me faz avançar em busca de respostas se encontra dentro da instituição onde estou inserida, não poderia fazer a pesquisa de campo em outro lugar, pois é ali que está o cerne de minha pesquisa.

Foi assim que, durante o percurso da pós-graduação, surgiram novos desafios e inquietações.

Percebi, durante minha atuação profissional, que a televisão como “recurso pedagógico” passou a ser usada indiscriminadamente, levando os professores a uma situação desconfortável. Isso porque as crianças trazem de casa seus filmes e os professores precisam fazer uma negociação grande para contornar a situação, tendo que ceder em alguns momentos da sua posição, para não contrariar ou magoar a criança.

Além disso, tanto professores quanto auxiliares de sala, se apropriam deste recurso e nem sempre de maneira pedagógica. Tal constatação durante minha prática pedagógica me leva a questionar se o uso da televisão nas instituições não tem sido somente para acalmar as crianças, aguardar outros momentos e propostas pedagógicas ou juntar os grupos para cobrir a falta de profissionais.

A partir da literatura a que tive acesso, posso afirmar que a apropriação da televisão e outras mídias dentro e fora das instituições de ensino é um assunto pouco abordado na formação inicial de professores. E, como demonstram Gilka Girardello e Monica Fantin (2009), esse assunto é abordado por estudiosos do assunto sob dois pontos de vista, os que defendem e os que criticam o uso dos mesmos. Como afirmam as autoras,

[...] ainda precisamos seguir pesquisando e produzindo referências que possam orientar trabalhos e pesquisas nesta perspectiva, informadas pelo conhecimento desenvolvido tanto na mídia-educação quanto nos estudos de recepção com crianças situados na zona de fronteira entre educação e comunicação (GIRARDELLO E FANTIN, 2009, p. 16).

Desta forma, ao me desviar de uma proposta de pesquisa sobre arte, sair do conforto da estrada e perder-me novamente, percebi que os dois caminhos levavam a um mesmo lugar, pois arte e mídia não estão desvinculadas. Além disto, as duas compreendem a reflexão sobre a prática pedagógica. Assim, apresento como delimitação do tema desta pesquisa “as mídias na Educação Infantil”, um olhar sobre o contexto de uma creche pública de Florianópolis. Isto porque,

Assumir os desvios e os descaminhos da pesquisa implica correr o risco de perder-se, mas, como “só se pode achar quem está perdido”, é possível ver a positividade neste desvio, embora no início do percurso não se saiba muito bem o que ele significa. (GIRARDELLO E OROFINO, 2009, P. 57)

O que realmente me provocou a estudar esse tema foi o desenvolvimento do planejamento pedagógico com um grupo de crianças com o qual trabalhei durante o ano de 2013. Foi com o grupo 6, com crianças entre 5 e 6 anos de idade, como conto a seguir.

O grupo 6 de uma creche pública de Florianópolis, situada em uma área litorânea correspondia no ano de 2013 a 25 crianças, sendo que destas, 21 frequentavam o período integral. Além disso, 90% destas crianças frequentavam a creche desde o primeiro ano de vida. Isto quer dizer que, no período de quatro ou cinco anos, estas crianças conviviam no mínimo oito horas diárias em um espaço coletivo de educação.

Nesta creche, como em outras, o uso da televisão como “recurso pedagógico” aumentou. Em 21 anos atuando como auxiliar de sala na rede da PMF utilizei e ainda utilizo este recurso, bem como presenciei e presencio o uso do mesmo em todos os grupos desta unidade e de outras unidades educativas da rede em que fui lotada.

No início do ano letivo, a professora de sala e eu, motivadas pelo desejo de desenvolver um projeto de trabalho que partisse da curiosidade das crianças, tendo em vista que era um grupo que demonstrava estar cansado das mesmas atividades realizadas nestes quatro ou cinco anos em que estavam na creche, optamos por observá-las e ouvi-las durante o período de inserção¹ para elaborar um projeto de trabalho. Logo, surgiu o projeto “Planeta terra e seus quatro elementos”.

Neste projeto de trabalho envolvíamos muitas experiências e vivências em que as crianças observavam, exploravam e cuidavam do meio ambiente. Contudo, sempre que trazíamos alguma informação que acreditávamos ser uma novidade, as crianças relacionavam com algum desenho ou filme infantil que assistiram em casa, geralmente em canais como Discovery Kids ou nos desenhos da Walt Disney. No início até achávamos interessante, mas depois isso passou a nos incomodar, porque nem sempre conhecíamos os canais de televisão ou os desenhos e filmes infantis que as crianças relatavam. Sendo assim,

¹ Período de acolhida da criança em uma instituição.

Não basta sabermos o que as crianças assistem ou leem, também é preciso saber, por exemplo, como aquela atividade se insere no seu dia a dia, com que outras oportunidades de lazer elas contam, que tipo de mediação adulta orienta suas práticas culturais (GIRARDELLO E FANTIN, 2009, p.11)

Dentro das instituições também é preciso este olhar direcionado, pois as crianças estão, de certa forma, mais tempo com os educadores do que com as famílias. De tal modo, algumas questões são pertinentes, embora não seja nosso foco esgotá-las nessa pesquisa. Por isso, centralizamos nossa pesquisa em três questionamentos: *De que forma a TV e outras mídias são tratadas na prática pedagógica de professores da Educação Infantil? De que forma planejamos as nossas aulas a ponto de tornar as crianças leitoras críticas da sociedade, do mundo, dos conteúdos das mídias? Qual o nosso papel como mediadores desta cultura midiática?*

A partir destes questionamentos temos como **objetivo geral** investigar se, e como, professores de uma creche pública de Florianópolis incluem em sua prática docente a apropriação da TV e outras mídias como recurso pedagógico. Além dos questionários aplicados aos professores da instituição, que nos ajudou na busca a essas respostas, este trabalho se constitui também como reflexão sobre a própria prática pedagógica de quem escreve, através de relatos de situações e experiências vividas em sala de aula.

Como **objetivos específicos**, buscamos:

- Investigar quais as mídias são utilizadas no planejamento do/a professor/a na creche pesquisada.
- Levantar quais as mídias/tecnologias digitais disponíveis na instituição.
- Discutir sobre as relações entre a televisão e a rotina das crianças na creche.

INTRODUÇÃO

Certa vez, trabalhando com o grupo 6 sobre o elemento fogo, a professora regente e eu, propomos conhecer um pouco sobre vulcões. Assim, trouxemos histórias e imagens de vulcões, bem como construímos coletivamente um vulcão de papel machê, onde simulamos uma erupção vulcânica com o uso de vinagre, anilina e bicarbonato de sódio. Depois da experiência, já na roda de conversa, uma das crianças trouxe um questionamento: “Não é professora, que dentro do vulcão tem muito diamante?” Como não tínhamos esta informação, talvez por déficit no planejamento, procuramos não duvidar da criança, tendo em vista que a mesma sempre trazia de casa ricas informações. Assim, dissemos ao grupo que não tínhamos aquela resposta, mas como cientistas que também éramos, iríamos pesquisar e que no outro dia conversaríamos.

Ao pesquisar o assunto foi confirmada a informação da criança e quando a questionamos onde obteve a informação ela nos relatou que viu no filme do Tarzan. Como já havíamos visto o filme do Tarzan por diversas vezes e nunca havíamos visto o vulcão, quanto mais o diamante, passei a refletir sobre o planejamento atrelado as culturas midiáticas. E refletir sobre este contexto me faz pensar que, é preciso investirmos em uma prática pedagógica que rompa com o tradicional e dê conta das novas demandas da sociedade. Sobre isso, Rivoltella (2006, p.242) apud Girardello e Fantin (2009, p. 15) aponta que:

A exigência é a de pensar em uma new media Education que deve ser uma educação para os novos meios. E está claro que se trata de matizes diferentes, porque uma nova educação para os novos meios implica a necessidade de repensar a profundidade da disciplina e do movimento e não só a adequação as mudanças provocadas pelas novas condições do universo midiático. Em essência a sociedade multitela impõe à mídia-educação uma mudança de paradigma.

Levando em conta que, os novos meios já estão inseridos nos contextos da Educação Infantil, tanto dentro das instituições quanto na vida diária das crianças este novo paradigma demanda de nós um olhar sobre nossa prática. Seiter (1999, p.2, apud Girardello e Orofino, 2009, p. 24), também aponta que, “o consumo de mídias está mergulhado nas rotinas, rituais e instituições - públicas e domésticas –

do cotidiano [...] e que seus significados são inseparáveis desses contextos e negociados dentro deles”.

Se a criança é envolvida nestas rotinas e rituais, cabem aos educadores alguns questionamentos sobre a prática e planejamento: Será que as propostas que os educadores trazem às crianças são suficientes diante de um mundo cheio de informações? Como os professores podem pensar em um planejamento que atenda o interesse da criança, que torne suas vivências mais dinâmicas e significativas? Como podem despertar na criança o desejo de estar na creche com, opções que extrapolem o fato de trazer dentro da mochila um filme para assistir com os amigos? Qual o papel dos educadores enquanto mediadores de tantas possibilidades de informação e entretenimento? Quanto tempo os professores tem dedicado ao planejamento, tendo em vista que a conquista da hora atividade na rede municipal de Florianópolis é destinada também a este fim? Como articulam as mídias como tema para reflexão na sala de aula?

O que se percebe nestas primeiras inquietações é um tropeço no fato de que, as crianças de hoje trazem ricas informações obtidas nos materiais midiáticos e que,

Os olhares das crianças estão atravessados pelas mediações do mundo adulto em suas diversas expressões através da cultura. E nas falas das crianças é possível perceber obviedades, estranhamentos e sofisticadas impressões que desafiam nossa capacidade de interpretar os possíveis significados que se movimentam nos sinuosos caminhos da mediação. (GIRARDELO E OROFINO, 2009, P.55).

Portanto, cabe aos professores de Educação Infantil se preparar para não precisar concorrer com as mídias, mas isso não quer dizer descartá-las. Pois,

A mídia está presente em nosso cotidiano e desempenha um papel importante no desenvolvimento cultural e econômico da sociedade atual. Na escola também a mídia está presente, seja nas atividades em sala ou fora dela, no cotidiano de alunos e professores. (SCHÖMINGER, 2010, p. 31 e 32).

É preciso pautar-se em um trabalho que vá muito além deste. E para isso é preciso se aproximar mais das crianças e procurar saber o que seus olhos e ouvidos captam, quais suas interações reais e simbólicas.

O objetivo desta pesquisa não é apontar resultados, mas ao investigar a influência das mídias dentro do contexto social das crianças, bem como seus potenciais imaginativos e suas ressignificações a partir da apropriação cultural,

como aponta Munarim (2009, p.135), perceber e refletir como é inserida as mídias no contexto da Educação infantil a partir da mediação do professor.

Sendo assim, antes de entrar no campo de pesquisa foi preciso dedicar tempo à leitura sobre o assunto, pois mesmo o estudo não sendo novo, merece atenção por parte dos educadores, já que é um tema bastante controverso. Por um lado há os que defendem a ideia de que a televisão é uma vilã e por outro a televisão é vista como uma aliada. Assim, foi preciso buscar diferentes autores para embasar este trabalho. Todavia, os trabalhos de Gilka Girardello, Monica Fantin, Iracema Munarim e o inglês David Buckingham foram os que mais me auxiliaram nesta busca por uma prática pedagógica reflexiva.

1. BRINCANDO DE CINEMA NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE O PLANEJAMENTO DO PROFESSOR A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NA CRECHE

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”
Paulo Freire

1.1 Da televisão para a sala de cinema

No ano de 2013 as crianças do mesmo grupo 6 da creche pública onde aconteceu esta pesquisa, traziam em suas mochilas diferentes DVDs de filmes infantis, muitas vezes ocasionando disputa entre os pares sobre os filmes que iriam assistir naquele dia. As professoras se sentiam incomodadas, e em primeiro momento mostraram às crianças que até poderiam ver um filme na creche durante a semana, pois conforme o regimento interno da creche cada turma tinha direito a um dia da semana na sala de vídeo. Porém, este filme deveria ser combinado antecipadamente e acordado com todo o grupo. Em último caso, se não houvesse um consenso na turma, aconteceria uma votação. No começo foi bem difícil, pois apesar da explicação e do combinado, algumas crianças ainda insistiam em trazer os filmes dentro da mochila. Se não bastasse, ainda pediam para o responsável (pai, mãe, avó...) conversar com as professoras para ver o tal filme. Foi um trabalho de formiguinha, conversando todo dia, trazendo propostas diferentes para o grupo e estimulando novas curiosidades.

Outro fato que incomodava era que durante os dias em que as professoras levavam as crianças até a sala de vídeo com um filme de interesse da maioria, a concentração no mesmo não durava 10 minutos. Quando as professoras percebiam, apenas duas ou três crianças olhavam o filme. Desta forma foi preciso sentar e conversar com o grupo para entender o que estava acontecendo. Percebeu-se que, na verdade, eles já haviam assistidos por diversas vezes o mesmo filme, mas o que queriam era compartilhar o que tinham, neste caso o DVD. Assim, a conversa com as crianças se encaminhou para uma experiência inusitada, como será relatado abaixo.

Na roda de conversa quando a professora regente e eu questionamos a pouca atenção durante o filme, uma das crianças comentou: “eu não gosto de assistir filmes aqui, porque eu gosto de assistir no cinema, a televisão é bem grande e podemos comer pipoca”. Nisto a euforia foi geral, todo mundo concordando com o colega, até que outro colega falou: “eu tive uma ideia, que tal fazer um cinema aqui na sala?” Logo indagamos: “Como assim fazer um cinema na sala?” E a criança que havia contribuído com a ideia, respondeu: “Fazendo uma tela bem grande e comendo pipoca”. Outra criança completou: “Não dá para fazer cinema aqui, pois lá no cinema as cadeiras têm números.” Outra disse: “Tem letras também!” Nesta hora a conversa já estava rica demais para perder a oportunidade. Então uma das professoras falou: “Espera um pouco, são muitas informações. Vamos então anotar nossas ideias para ver se é possível fazer um cinema aqui na sala?” Com um papel e uma caneta foram anotando as ideias.

Tal situação me fez recordar uma afirmação de David Buckingham, que diz que,

Por diversas razões, as mídias eletrônicas tem um papel cada vez mais significativo na definição das experiências culturais da infância contemporânea. Não há mais como excluir as crianças dessas mídias e das coisas que elas representam, nem como confiná-las a materiais que os adultos julguem bons para elas. (BUCKINGHAM 2007, p. 32)

As crianças já estão inseridas no mundo midiático, é claro que umas um pouco mais, outras um pouco menos. Mas é nesta socialização que o mundo se amplia a cada criança e também amplia as relações com mídias na prática dos professores. Pois, através desta tentativa de fazer um cinema na sala de aula as crianças mostraram que enquanto professores não podemos desistir e sim procurar caminhos para utilizar com ludicidade uma gama de materiais midiáticos.

Sendo assim, quando apresento aqui estas vivências, estou exercendo meu dever de repensar a prática pedagógica, saindo do conforto do meu olhar e de minha ideia de planejamento, buscando respostas ou questionamentos que ampliem a forma de interagir com as crianças de hoje, crianças que estão cercadas pelo mundo midiático.

Na conversa com as crianças, ao questionar como fazer uma tela grande se a televisão da creche era pequena, uma das crianças apontou que: “Isso a

supervisora pode ajudar, pois ela tinha um “negócio” (se referia ao aparelho data show) que fazia tudo ficar bem grande. Logo, surgiu a ideia de chamar a supervisora e ver a possibilidade de fazer o cinema com a tal tela grande.

A participação da supervisora foi essencial neste momento, pois logo entendeu o contexto da conversa e disse que poderia ajudar no cinema, mas avisou que tinha um problema. Para utilizar o Datashow era necessário um notebook. Uma das crianças rapidamente falou: “Notebook a Jaque tem, aquele que ela trouxe para brincarmos com o lego.” O lego é uma experiência que contarei mais à frente.

Depois que a criança comprovou que eu tinha o notebook continuamos nossa conversa: “Tá bom, já temos o Datashow e o notebook. Então podemos fazer o cinema?” Uma das crianças disse que não, que faltava escolher o filme e fazer a pipoca. Outra disse: “Falta o ingresso?” E outra completou: “Falta os números na cadeira, esqueceu?”

Ao perceber o envolvimento de todos eu e a professora aproveitamos para esticar ainda mais nossa conversa e todos pareciam envolvidos, esqueceram até do momento do parque. Então questionamos: “Para que serve o ingresso?” “Ah, o ingresso é para gente entrar no cinema né?” Então eu disse: “Certo, ingresso é para entrar no cinema, mas porque precisa de ingresso?” “Para saber se tem cadeira pra tomo mundo, ué?” respondeu uma das crianças. Logo perguntamos: Tá, e como podemos fazer um ingresso? “Oh, é assim oh! Sabe quando tu vai no cinema? Escolhe o número da cadeira que vai sentar. Eu aprendi com minha mãe.” Outra criança falou: “E na cadeira tem os números e eles são iguais ao número de trás.” Questionamos: “Tá mas daí como vou saber qual e o lugar que eu vou sentar se tiverem números iguais?” “Por isso que tem a letra, ora!” Com certeza já havíamos percebido que assistir a filmes da mesma maneira realmente deveria ser algo muito chato quando se tem muitas informações diferentes. Percebemos também que as crianças deste grupo envolviam-se cada vez mais no letramento utilizando-se de suas relações sociais e culturais.

Enquanto conversávamos o parque da creche era preenchido por diferentes grupos de crianças, o sol brilhava lá fora e algumas crianças de outros grupos passavam pela janela, surpresos por estarmos ainda na roda. O grupo que em

outros momentos pediria para ir ao parque encontrava-se ali, interessado em compartilhar suas ideias envolvendo a cultura midiática.

Como estávamos próximos a confraternização das famílias na instituição aproveitamos a oportunidade e apresentamos alguns filmes que trouxessem ideia de famílias diferentes, o escolhido foi o filme dos Smurfs. Isso nos ajudou porque precisávamos desta ideia de que um pai com filhos também é uma família. O filme também trouxe outras contribuições como o respeito ao outro, a cooperação, o amor desinteressado, a adoção. Esse filme contribuiu muito com nosso planejamento dias depois. Sobre isso, LOPES (2013, apud MANO, 2014, S.P.) apresenta que:

o professor precisa assistir o filme antes de usá-lo para conhecer a obra cinematográfica e estabelecer critérios para o plano de aula, no qual devem constar os conceitos, os objetivos, a metodologia, incluindo um roteiro de discussão do filme e avaliação.

Girardello (2009 p.122) também faz um relato sobre a fascinação pelo cinema no roteiro de brincadeiras de um pequeno grupo de meninos. Ela aponta que,

Apesar de a tela do cinema estar distante das crianças observadas, naquele momento a proximidade e a fácil manipulação de filmes através dos DVDs permitiu que elas montassem um roteiro imaginário no qual os filmes do cinema eram transmitidos de acordo com a escolha de cada um no aparelho imaginário.

Depois de tanta conversa, dissemos que se iríamos brincar de cinema de verdade, precisávamos ter o dinheiro para o ingresso. Que decepção de algumas crianças! Outras retrucaram, “mas minha mãe não tem dinheiro”. Então lhes contei que iríamos usar dinheiro de brinquedo. Foi uma festa só.

Nesse contexto, cabe lembrar o que afirma Munarim, que

Como as crianças se entregam muito mais facilmente à fantasia, acompanhá-las não parece ser fácil para os adultos, não apenas por questões fisiológicas. Questão de hábito ou não, o fato é que não se vêem adultos fazendo isso com a mesma naturalidade de uma criança. Crescemos e esquecemos não apenas de admirar o mundo como se víssemos tudo pela primeira vez, mas também de senti-lo, enrijecendo nossa capacidade de movimentação e dos sentidos em prol de soluções rápidas, práticas e que não exigem muito esforço. O mergulho na fantasia é um dos requisitos básicos para a brincadeira e disso ficamos desacostumados com o passar do tempo. (MUNARIM, 2007, p.127).

É esse mergulho na fantasia que está faltando a nós professores e também às famílias, pois as crianças de hoje não tem mais a companhia do adulto em suas

brincadeiras. Para a maioria dos adultos uma criança brincando é motivo de paz alcançada, quer dizer que, é o momento da folga e do descanso ou de fazer algo que antes não era possível. Mas nem sempre foi assim.

1.2 O tempo da brincadeira

Quando penso nas minhas brincadeiras de infância sempre encontro na memória um adulto, ou brincando junto ou ensinando a brincar. Também via televisão, gostava dos diversos programas, mas a companhia dos adultos era muito prazerosa a ponto de escolher estar com eles. Lembro-me de uma vizinha que nos ensinou a dançar pau-de-fita, brincadeiras de roda e do final de tarde com bingo. Algumas vezes estávamos assistindo ao Sítio do Pica-pau Amarelo e a vizinha chamava a criançada para brincar de bingo. Largávamos a TV de lado e nos reuníamos amontoados pelo chão.

Hoje, o maior problema me parece ser o fato de que os adultos querem manter a criança ocupada e usam a TV ou outro material midiático para isso. Podemos visualizar isso dentro das instituições onde as crianças de diferentes idades e grupos são confinadas dentro de uma sala em frente à televisão no final da tarde. Muitas vezes as crianças veem o mesmo filme por diversas vezes. Os educadores não estão ali para promover um momento significativo às crianças. O que percebemos desta rotina – sim, rotina - é que o momento de vídeo é utilizado para acalmar, aguardar e juntar os grupos. Mas, pelo meu olhar, a impressão é que o efeito é contrário. As crianças mostram-se muito agitadas e dentro daquele espaço procuram compartilhar uma com as outras suas ideias. As professoras se incomodam com a conversa, chamam a atenção das crianças, estas ficam em silêncio por alguns instantes e neste momento percebem que as professoras também estão trocando ideias, falam alto e algumas vezes interrompem a conversa para pedir silêncio. A ansiedade toma conta de algumas crianças, a mãe não chega e aquele momento de aguardar parece uma eternidade. Há choro, há medo, há insegurança. E muitas vezes o olhar do professor está amortecido por essa rotina. O professor não observa o que aquele desenho está transmitindo àquela criança. Não sabe o que está acontecendo em um filme onde tem super-heróis, porque ele não está assistindo. Ele está ali só para dar conta da demanda de crianças em relação

aos profissionais, já que muitas vezes o quadro de funcionários está escasso. E por isso é preciso juntar três ou quatro grupos diferentes em uma mesma sala.

No dia seguinte as crianças são levadas ao parque e lá o professor não está para pedir silêncio. Elas trocam ideias, lembram do filme do dia anterior e imaginam-se super-heróis. Mas para ser super-herói é preciso ter o adversário. As crianças conversam, discutem quem vai ser do bem e do mal. A professora de longe vê a discussão e sem questionar o porquê pede para parar a discussão senão entrará com todos para sala. Até que eles chegam a um acordo, em que geralmente a criança acaba cedendo. E então começa a brincadeira. Correm no parque, gesticulam com as mãos formando armas, jogam-se e se enrolam no chão. E a professora que não participou do contexto da criança termina a brincadeira por ali com frases do tipo: “Ei, já não disse que não quero brincadeira de lutas e de armas aqui na creche?” Parece inimaginável isso acontecer em uma instituição, mas acontece diariamente.

Estes momentos foram observados também nesta instituição, na qual estou inserida e que escolhi para realizar a pesquisa; e eu só consigo enxergá-los agora porque meu olhar está ampliado. Antes eu era uma das protagonistas. Pois, muitas vezes oferecemos filmes infantis com estes roteiros e depois impedimos as crianças de utilizarem-se de sua imaginação, o imaginário midiático, como cunhado por Gilka Girardello. Nesse mesmo sentido, Tobim (2000, p. 148, apud Girardello e Orofino, 2009, p. 30) afirma que:

Saber se as crianças abraçam ou resistem a uma lição ou a uma mensagem das mídias é uma questão muito complexa, contingente e contextual, que só pode ser respondida se fizermos leituras cuidadosas e matizadas das interações de crianças específicas com textos culturais específicos.

Portanto, nossas leituras cuidadosas e matizadas devem ocorrer o tempo todo, precisamos conhecer a bagagem destas crianças, ver com os olhos das crianças, nos colocar em seu lugar e também saber o que pensam e sentem. Não foi apenas o incômodo pelo incômodo, mas a reflexão a partir da observação, do questionamento e da oportunidade de ouvir as crianças que levou a vivência de fazer o cinema na sala e conseqüentemente o desejo de investigar a relação das crianças com as mídias.

Ressalto aqui a importância do registro, visto que também contempla o Movimento de Reorientação Curricular do Município de Florianópolis que foi elaborado entre 1993 e 1996, onde,

considera a prática do registro como rico instrumento a ser usado no cotidiano com a criança de 0 a 6 anos, dadas as múltiplas possibilidades que ele oferece. Consequentemente, o registro se torna um instrumento que contribui para realimentar os planejamentos das atividades cotidianas, já que oferece oportunidade de identificar questões explícitas ou implícitas na prática pedagógica. (WIGGERS 2000, p. 128).

Registros, como esses que relato aqui, dão subsídios tanto para a prática pedagógica do professor como para a reflexão mais sistematizada, como a que neste trabalho nos propomos.

1.3 De volta ao nosso cinema

Outro fato interessante durante a sua organização é que nós, professoras da sala, não dominávamos todos os recursos pedagógicos que iríamos utilizar para que a sessão de audiovisual acontecesse e foi preciso ir em busca de auxílio. Isso nos levou a refletir sobre nossa formação acadêmica. Será que nós professores estamos preparados para abordar criticamente essa cultura midiática que tanto fascina a criança? Como lidamos com isso dentro de nossa prática pedagógica? Quais os conhecimentos nas tecnologias de informação e comunicação que o professor precisa ter para tal?

Segundo Charlot (2008, apud Fantin e Rivoltella, 2013),

a reflexão sobre as condições da sociedade e da escola contribui para o conhecimento das efetivas necessidades dos sujeitos e contextos envolvidos, conduzindo a um projeto de escola que dê conta das novas (e acrescento, das antigas, mas não resolvidas) exigências sociais, educativas e institucionais. Para ele, a escola deve pensar de modo global e local, preparando os alunos para a sociedade globalizada além de, também ligar-se à comunidade. (Idem, p. 172),

Portanto, faz-se necessário pensar dentro do âmbito do planejamento quais as reais necessidades dos sujeitos, da escola, da comunidade e do próprio professor. Não podemos fingir que a tecnologia, a informação e a comunicação são desvinculadas da educação, da escola e da vida de nossos alunos. Pereira (2009) em relação a pouca ênfase em noções técnicas pelos professores, assinala que:

É possível que a falta dessas noções, aliada a um temor em causar estragos ou em se machucar, possa estar colaborando para um uso menos intenso de algumas mídias nas escolas, devido a falta de habilidade sentida por muitas professoras para envolver pequenos problemas, como um cabo desconectado ou uma fita ou DVD trancado no aparelho. A ausência deste saber técnico pode estar relacionada também a um uso mais acanhado de algumas tecnologias, por não compreender bem sua lógica. Acanhamento esse que pode ter sido ainda potencializado com o crescimento de filhos que já nasceram num mundo altamente midiático e que por isso se acostumaram rapidamente aos usos e lógicas de tais equipamentos, passando a operá-los para os pais. (PEREIRA, 2009, p.140)

A partir desta compreensão, precisamos entender que o professor precisa estar em constante aperfeiçoamento, acompanhando as mudanças da sociedade, se abrindo para um novo mundo que se descortina a cada dia e rompendo com velhos modelos de educação.

No momento em que as crianças propuseram fazer o cinema na escola elas mostraram não apenas o desejo de ver um filme em tela maior, elas mostraram conhecer a sociedade em que estão inseridas, das regras que estavam sujeitas dentro de uma sociedade e mostraram que criança também é cidadã, diferente da concepção que toma a criança como um vir-a-ser. Quanto a isso Didonet (2014) afirma que,

Elas têm o direito ao espaço coletivo e a espaços próprios em que possam viver a infância com liberdade e expressividade. [...] percebem o que se passa ao seu redor. E constroem ideias sobre tudo o que tem a ver com a vida delas e das pessoas com as quais convivem. Elas as manifestam de diversas formas, desde a expressão facial e dos olhos, a posição do corpo, o choro e o sorriso, a birra e a agressividade, a reclusão em si mesma e a viva interação, o adoecimento e a saúde, a iniciativa e a curiosidade, até a fala explícita do que querem ou não querem. (DIDONET, 2014, p. 18)

Didonet (2014) ressalta ainda que, é preciso ter disposição para ouvir as crianças. Não um ouvir ao acaso, mas uma escuta em que a criança possa expressar suas ideias com liberdade e espontaneidade.

Ao refletir sobre a experiência com o cinema em sala, percebi que ouvir as crianças, ampliou nosso repertório e nos mostrou que o uso de uma televisão ou de outra cultura midiática também leva à brincadeira. E se o medo da morte da infância existe, como nos mostra Neil Postman (1999), não podemos apenas culpar os materiais midiáticos, pois isso seria injusto. A morte da infância pode ser eminente se a sociedade, a família, a escola tomarem o tempo da brincadeira para manterem

as crianças ocupadas e silenciosas. A criança vive hoje cercada de rotinas, normas, currículos e horários, e o tempo da brincadeira destinado a mesma é apenas um escape para o adulto. Lembro-me que em minha infância o tempo era longo, as brincadeiras intermináveis e a liberdade concedida. Podíamos brincar com fogo, com água, na rua, pendurados em árvores... Podíamos nos sujar, correr descalços e ter a atenção dos adultos... Podíamos brincar com a morte sem parecer macabro.

Há crianças que ainda vivem essa realidade, mas infelizmente o que percebemos dentro da sociedade em que estamos inseridos é que muitas crianças vivem cheias de imposições dos adultos que a cercam, isso pode, isso não pode, isso é perigoso, isso é de adulto. Fogo é perigoso para as crianças de hoje? E porque não era quando eu brincava de cozinhar com minhas primas? Quando fazíamos bolo para o batizado de boneca? Quando fazíamos fogueira para brincar de índio? A resposta está no tempo do adulto. O adulto não deixa a criança vivenciar tais momentos porque não quer ou não pode estar junto;

Buckingham (2007) afirma que:

[...] as definições adultas da infância são simultaneamente repressivas e produtivas. Elas são concebidas para proteger e ao mesmo tempo controlar as crianças – ou seja, para confiná-las a arenas e comportamentos sociais que não se mostrem como ameaça aos adultos, ou nos quais os adultos serão (imagina-se) incapazes de ameaçá-las. Essas definições buscam não apenas prevenir certos tipos de comportamento, mas também ensinar e estimular outros. Elas produzem ativamente certas formas de subjetividade nas crianças, enquanto tentam reprimir outras. (BUCKIGHAM, 2007 p. 27)

Não convém alegarmos que a mídia não tem influência na vida das crianças, mas não podemos alegar a ela toda responsabilidade de um possível desaparecimento da infância. Precisamos é, como aponta Buckingham (2007, p. 32), “prestar mais atenção em como preparar as crianças para lidar com essas experiências, e, ao fazê-lo, temos de parar de defini-las simplesmente em termos do que lhes falta.”

Voltando à experiência com as crianças do grupo 6 quando, enfim, conseguimos juntar todas as ideias para nosso cinema, uma das crianças trouxe uma nova ideia, convidar outras crianças para vivenciarem este momento. Parece-me aqui que o desejo de compartilhar com o outro ainda era uma necessidade.

A criança quer companhia, quer estar com o outro, não quer apenas ter uma linda Barbie para brincar sozinha. A mídia eletrônica encanta porque a criança

parece nunca estar sozinha. A TV cria um mundo diferente do que a criança vivencia ou então apresenta uma versão de sua história. O vídeo game cria uma parceria entre a criança e o personagem, isso quando o jogo não é interligado com outro colega, em que as crianças podem brincar sem estar na casa do outro, já que isso não é mais possível. Através do jogo a criança lida com seus medos e seus desejos.

A ideia do cinema na sala foi uma atividade interessante porque não foi feita apenas por crianças, eram adultos e crianças em um mesmo projeto. Juntos nós escolhemos o nome do nosso cinema, numeramos as cadeiras e identificamos as fileiras com as letras. Escolhemos o filme e o que o cinema iria oferecer de lanche. E no dia determinado de nossa sessão de cinema cada criança recebeu R\$ 20,00 fictícios para suas despesas. Algumas crianças receberam notas de R\$ 20,00, outras duas notas de R\$ 10,00, outras receberam o valor em notas de R\$ 5,00 e R\$ 2,00. E no momento da entrada as crianças ficaram surpresas por ter que escolher o número de sua cadeira em uma tabela, em ver que uma criança recebeu de troco bem mais do que a outra. Abrimos, assim, caminho para uma nova brincadeira, o uso da moeda, o surgimento do dinheiro, da atividade social. Girardello (2011) aponta que:

O papel dos adultos como mediadores entre a criança e o ambiente físico e o clima social criados pela família ou pelas instituições educativas fazem a diferença na qualidade da vida imaginativa dos pequenos. Singer e Singer observam que as habilidades necessárias para a atividades do faz de conta podem ser estimuladas pela intervenção adulta, devendo, no entanto, haver um equilíbrio entre a estruturação das atividades pelo adulto e a possibilidade de que as crianças possam brincar sozinhas, livres de supervisão: “O faz-de-conta emerge naturalmente como parte do desenvolvimento da criança pequena, mas seu florescimento é encorajado quando os pais e outros adultos contam histórias, lêem em voz alta ou interagem ludicamente com as crianças”. (GIRARDELLO, 2011, p. 81)

Outra experiência interessante foi com o lego. As crianças desta turma se divertiam muito brincando com o lego e inventavam coisas incríveis. Mas algumas vezes reclamavam que queriam construir o que estava na caixa do lego, mas não conseguiam entender o desenho por ser muito pequeno. Então fui pesquisar para tentar conseguir desenhos maiores. Nesta procura encontrei o lego digital. Eu não o conhecia, mas baixei no meu notebook e tentei montar algumas coisas, sem sucesso algum. Levei pra sala e contei as crianças o meu achado e perguntei se alguém conhecia, todas responderam que não. Mas neste dia uma das crianças estava bastante agitada, incomodando os colegas e perguntei se não queria tentar

montar o lego digital e ela aceitou. Não demorou muito e ela já manipulava com sucesso todas as peças. Nisto juntou-se um grupo grande a sua volta interessadas no jogo. Foi preciso então estipular alguns minutos por crianças. Algumas tentaram como eu e logo desistiram sem sucesso algum. Mas outras descobriram peças que eu não tinha visto, viraram as peças de cabeça para baixo, mostraram em diversos ângulos o que construíram.

Foram estas e outras situações vivenciadas no campo de pesquisa que me motivaram a buscar na teoria sustentação para esta pesquisa. Assim, para que o leitor possa compreender um pouco mais este movimento, apresento no próximo capítulo o contexto sociocultural desta pesquisa, revelando o olhar sobre o campo de pesquisa: uma creche da rede pública de Florianópolis, situada no norte da ilha.

2. O CAMPO PESQUISADO E METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 A creche

A instituição onde foi realizada a pesquisa atende atualmente 188 crianças entre 6 meses e 6 anos de idade, sendo a maioria com atendimento integral. Destas crianças, 134 são naturais de Florianópolis, pois até pouco tempo o público atendido pertencia às famílias naturais deste bairro litorâneo. Aos poucos foram surgindo outras famílias oriundas de outras cidades, estados e até de outros países, isto porque ao se tratar de um bairro litorâneo e turístico, muitas pessoas se mudaram para este e outros bairros vizinhos em busca de melhores condições de vida. Assim, dentre as 54 crianças encontramos paulistas, paranaenses, baianos, cearenses, argentinos e crianças de outros locais de Santa Catarina.

Esta instituição tem uma história bem interessante, visto que a educação infantil neste bairro iniciou no ano 1984, dentro da carroceria de um ônibus, onde eram atendidas 50 crianças, 25 no período vespertino e 25 no período matutino. Pela manhã eram atendidas as crianças da pré-escola e no período vespertino o jardim de infância.

Em 1988, com a procura de vagas, houve a necessidade de conseguir outro espaço para atender a demanda, assim abriram mais uma sala no saguão da escola básica, atendendo mais duas turmas. E a procura por vagas foi aumentando a cada ano, precisando construir um espaço capaz de garantir as vagas para crianças de três a seis anos de idade. Porém, além de insuficiente, as crianças que ali eram atendidas não dispunham de um lugar adequado para brincadeira e contado com a natureza. Além disso, no verão as chuvas inundavam as salas, deixando as crianças por vários dias sem atendimento. Assim, em 2001 a equipe pedagógica, pautada no PPP foi aproveitando os momentos de cursos para questionar esses direitos, apresentando as fotos do espaço físico, fazendo questionamentos sobre a qualidade da educação infantil e assim sensibilizando as pessoas que ali estavam. Logo, foi colocado no orçamento da prefeitura a construção da creche para comunidade. Assim em 19 de março de 2004 foi inaugurada a creche.

Hoje o atendimento na creche conta com 47 funcionários, dentre estes:

- Uma diretora, especialista em séries iniciais e educação especial;
- Uma supervisora, especialista em educação infantil e séries iniciais;
- Uma professora de Educação física e uma professora com formação em pedagogia; readaptadas que fazem o trabalho da secretaria;
- Uma professora com formação em pedagogia, readaptada em sua função, que coordena o trabalho com a horta;
- Cinco auxiliares de ensino, sendo três em período integral. Todas com formação em pedagogia.
- Um professor com formação em educação física;
- Sete professoras efetivas, sendo seis especialistas e uma com formação em magistério.
- Três professoras substitutas com carga horária de 20 horas com formação em pedagogia;
- Três professoras substitutas de período integral com formação em pedagogia;
- Dez auxiliares de sala com carga horária de 30 horas, duas com magistério, três especialistas e cinco com formação em pedagogia;
- Uma auxiliar de sala com carga horária de 40 horas e uma auxiliar de 20 horas por ter filho especial tem sua carga horária diminuída.
- Seis auxiliares de serviços gerais, terceirizados e com ensino fundamental completo;
- Um auxiliar de serviços de jardinagem, terceirizado e com ensino fundamental incompleto;
- Cinco cozinheiras terceirizadas, uma em período integral. Destas uma tem ensino médio e as demais tem ensino fundamental completo.

A estrutura física conta com dez salas de aula onde são atendidos os grupos G1, G2, G2/3, G3A, G3B, G4A, G4B, G5A, G5B E G6. Além destas há mais quatro salas, sendo uma para direção/secretária, uma para supervisão, uma para os professores e uma sala multiuso. Para dar suporte a esta demanda a unidade conta com cinco banheiros para o público infantil e dois para o público adulto, duas lavadeiras (uma também é usada como depósito de material de limpeza), um refeitório e uma cozinha.

A parte externa é convidativa para o contato com a natureza, pois a área construída é cercada por uma área toda coberta de grama. Além disso, há algumas árvores espalhadas neste espaço, sendo duas delas frutíferas onde as crianças se deliciam no tempo da colheita. As outras servem para fazer sombras, para dar suporte a balanços com pneus, ou para subir, para se esconder e inventar diversas brincadeiras. Nesta área também encontramos parques com escorregadores, balanços, gangorras, trepa-trepas, casinhas, brinquedos com pneus. Há também diversas plantas espalhadas pelo parque e uma horta que está sendo coordenada por uma professora readaptada. Além disso, a praia fica a poucos metros de distância, por isso em alguns momentos há brincadeira na praia.

Neste ano de 2014 o quadro de funcionários foi bastante modificado, pois muitas auxiliares foram chamadas no concurso da prefeitura de São José e algumas pessoas pediram remoção, entre estas a supervisora da unidade. Além disso, muitas pessoas se efetivaram neste ano na creche, por isso, o PPP ainda precisa ser reestruturado o que ainda não foi feito. Já tivemos algumas discussões, percebemos que algumas mudanças são necessárias, mas ainda não foram realizadas.

A organização e estratégias do trabalho pedagógico desta instituição têm como referência a perspectiva sócio-histórica, pois entende que as crianças constroem seu conhecimento através da interação e das relações sociais. Por isso, é o ponto de partida para as ações projetadas e desenvolvidas na unidade, entendendo que a reflexão sobre a prática pedagógica é muito importante, pois é preciso considerar a pluralidade e os princípios democráticos.

Segundo o PPP, o projeto de trabalho e o planejamento dos professores devem ser realizados com autonomia, levando em conta o interesse das crianças e respeitando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) e as Orientações Curriculares para a Rede Municipal de Educação Infantil de Florianópolis (2012).

Nesta orientação e conjunto de ações está inserida a educação física infantil que através da ludicidade favorece o desenvolvimento da criança, ampliando seus repertórios de movimentos e possibilidades corporais, através da percepção de si mesma e de suas relações com os outros e o mundo.

2.2 Metodologia

Realizar uma pesquisa de campo onde você já está inserido pode parecer fácil, mas em pouco tempo você descobre que é muito mais difícil, pois é preciso coragem. Coragem porque essa pesquisa irá revelar sua própria prática pedagógica, revelando o que você deixou de fazer, o que você não deveria ter feito. Coragem porque você esbarra com práticas pedagógicas de seus colegas e com suas próprias práticas que você não gostaria de ver na Educação. Coragem porque esta pesquisa levará a um movimento e muitas vezes este movimento é doloroso. E este movimento de rever a própria prática já acontece a partir do registro conforme aponta Ostetto (2008):

Ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, torna-se um documento ao qual podemos retornar para rever o vivido, atribuindo-lhe outros significados e projetando outros fazeres desejados ou necessários. Por meio do registro, travamos um diálogo com nossa prática, entremeando perguntas, percebendo idas e vindas, buscando respostas que vão sendo elaboradas no encadeamento da escrita, na medida em que o vivido vai se tornando explícito, traduzido e, portanto, passível de reflexão. (OSTETTO, 2008, p. 13 e 14)

Todavia, como revelei em outro momento, não poderia escolher outro espaço para pesquisa, pois o que me incomodava se encontrava aqui. Desta forma, ao revelar o tema de minha pesquisa aos colegas desta instituição, houve um estranhamento. Alguns me perguntaram: *Por que escolher este tema? Não seria mais fácil fazer um projeto sobre brincadeira ou algo relacionado com nossas vivências diárias?* Depois de questionada pensei: *Será que meus colegas estão com a razão? Será que em tão pouco tempo darei conta desta pesquisa? Mas, será que as mídias estão mesmo longe de nossas vivências?* Com certeza não! Era exatamente isso que me interessava e incomodava, o uso excessivo de alguns recursos midiáticos e a falta de outros dentro do planejamento e da prática pedagógica.

Em relação ao planejamento não tive acesso a estes, mas o que percebi durante a observação de campo é que os grupos permanecem muito tempo no parque externo sem a mediação e tão pouco o olhar do adulto. Não me refiro ao olhar do cuidar, mas o olhar do educar, da mediação e da reflexão a partir das vivências. Do olhar que organiza os espaços, que propõe novas experiências, que se aproxima das crianças e brinca junto a elas.

Para fazer um recorte realizei esta pesquisa apenas com os grupos 4,5 e 6, ou seja, com professores dos grupos de crianças entre 4 e 6 anos, totalizando 4 turmas. Participaram da pesquisa 3 professoras de 40 horas, duas professoras de 20 horas, sendo que uma também é auxiliar no contra turno e mais duas auxiliares de sala.

Num primeiro momento pensei em realizar entrevistas em áudio e vídeo com os professores, mas por conta do tempo e da proximidade entre o pesquisador e os entrevistados, correria o risco de não ter tempo de aprofundar as análises dos dados em tão pouco tempo. Como afirma Tobin (2000 p.139) “em qualquer estudo, existe o risco de os pesquisadores projetarem seus próprios significados por sobre o que disseram seus informantes”. Assim, optei pela elaboração de um questionário e convidei os profissionais dos grupos para participarem. Também utilizei a observação com anotações em diário de campo, cujos registros diários já fazem parte de meu cotidiano como professora.

Esta é uma pesquisa qualitativa, em que me encontro como instrumento fundamental apresentando meu olhar e minhas próprias vivências, convidando a outros para sua própria interpretação. Sendo assim, não pretendo comprovar teoria, hipóteses ou ideias pré-concebidas, mas empresto meu olhar, ofereço minhas vivências e minhas indagações.

Utilizamos na pesquisa entrevistas formais semi-estruturadas e por escrito. Ao todo foram realizadas sete entrevistas, isso porque algumas auxiliares também se sentiram a vontade para responder. Porém, uma das professoras não participou. Inicialmente ela disse que iria responder o questionário, depois disse que o havia perdido. Então me propus a trazer outro e ela aceitou. Sem o retorno do mesmo, a procurei perguntando se havia encontrado dificuldade e se precisava de auxílio, ao que me respondeu que estava sem tempo e não demonstrou interesse em participar. Entendendo que tinha seu direito de participar ou não da pesquisa, aceitei sua decisão.

As questões do questionário serão detalhadas a seguir, na discussão sobre os dados. A identidade dos professores entrevistados e das crianças que compõem as turmas observadas serão preservadas nesse trabalho.

3. DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS

Com posse dos questionários respondidos, meu olhar se deteve inicialmente na faixa etária dos professores e no tempo de serviço de cada um. Observe a tabela abaixo:

TABELA 1 - DADOS PESSOAIS DOS ENTREVISTADOS

FUNÇÃO	FORMAÇÃO	IDADE	TEMPO DE SERVIÇO P.M.F.
Professora	Pedagoga	23	6 meses
Auxiliar de sala	Pedagoga	41	1 ano
Professora	Pedagoga	29	2 anos
Professora	Pedagoga	30	5 anos
Professora/auxiliar	Especialista	33	5 anos
Professora	Especialista	30	5 anos
Auxiliar de sala	Pedagogia em andamento	36	7 anos
Auxiliar de sala	Magistério	35	11 anos

Como podem ver, a idade dos professores compreende entre 23 e 41 anos e o tempo de serviço na rede entre 4 meses e 11 anos, revelando que estes profissionais não estão no final de carreira, muito pelo contrário. A pesquisa mostrou que são professores com início de carreira, visto que a única educadora que está há 11 anos na rede é auxiliar de sala, as demais trabalham nessa função há menos de 7 anos. Destes profissionais, apenas uma auxiliar de sala tem nível médio, a outra está concluindo, as demais já concluíram a graduação e três já são especialistas.

A pesquisa revelou que todos os profissionais fazem uso de mídias/tecnologias digitais em seu uso pessoal e como ferramenta de trabalho. Até porque, estamos cercados por telas em todos os lugares. Como afirma Schöminger (2010) que,

As inovações tecnológicas fazem cada vez mais parte do nosso cotidiano, modificam as formas de relações sociais, ampliam nossa memória e estão fortemente presentes em nosso dia a dia em: *home banking*, cartões inteligentes, voto eletrônico, *pages*, *palms*, celulares com TV Digital e em todas as interações possíveis que o computador e a internet possibilitam. (SCHÖMINGER, 2010, p. 30)

Observe a tabela a seguir:

TABELA 2 - AS TECNOLOGIAS DIGITAIS/MÍDIAS UTILIZADAS NO USO PESSOAL

Materiais midiáticos citados	Uso pessoal
Computador/notebook	6
Televisão	4
Celular	6
Internet	5
Som/mp3	1
Pendrive	1
Cartão de memória	1
Máquina digital	3
Uso de Whatsapp (aplicativo de celular)	1
DVDs de filmes infantis	1

De acordo com os dados o computador foi o mais citado, tanto para uso pessoal como ferramenta de trabalho do professor para elaboração do planejamento. De sete pesquisas, no uso pessoal seis afirmaram usá-lo em seu dia-a-dia e quatro afirmaram usar como ferramenta para elaboração de seu planejamento. Todavia, ao confrontar com as observações de campo percebo que as mídias/tecnologias digitais estão ainda mais presentes na instituição do que foi relatado pelos professores entrevistados na pesquisa. A partir de minhas observações em campo e durante meu trabalho percebi que todas as turmas utilizam a televisão e o DVD, porém ela foi citada apenas duas vezes e o DVD apenas três. A câmera digital, também bastante utilizada, bem como o celular, som, pendrive, CDs musicais, também não tiveram um número expressivo durante a pesquisa. Será mesmo que apenas três pessoas utilizam a internet como ferramenta para elaboração de trabalhos?

Kenski (2007, p.22, apud Schöminger, 2010, p. 17) afirma que as tecnologias “alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com

todo o mundo.” E nas instituições infantis não é diferente, pois elas se constituem de pessoas que vivem esta transformação, tanto pessoal quanto social.

Tal fato pode ser verificado na tabela abaixo, que demonstra os dados sobre a apropriação de mídias/tecnologias digitais, como ferramenta de trabalho pelos professores entrevistados.

TABELA 3 - AS TECNOLOGIAS DIGITAIS/MÍDIAS UTILIZADAS COMO FERRAMENTA DE TRABALHO

Materiais midiáticos citados	Ferramenta de trabalho
Computador/notebook	4
Televisão	2
Celular	1
Internet	3
Som/mp3	3
Pendrive	1
Máquina digital	3
DVDs de filmes infantis	3
Data show	1
CDs com músicas	1

3.1 Os materiais disponíveis na instituição

O item IV do questionário questionava sobre os materiais midiáticos disponíveis na instituição. Entre estes uma das professoras apontou a máquina copiadora. Tal referência me fez questionar se esta máquina poderia ser considerada uma mídia/tecnologia junto às outras citadas. Não digo que uma mídia ou tecnologia mas uma ferramenta de informação, pois refletindo sobre o porquê de ter sido citada entre os materiais midiáticos, ponderei. Visto que, dependendo do ponto de vista ela transmite informação. Isto porque quando reproduzimos um desenho às nossas crianças estamos comunicando algo. Por exemplo, quando copiamos uma imagem

de um desenho da Walt Disney estamos dizendo, “isso pode ser legal, isso é bom, porque meu professor trouxe para mim”. Desta forma, foi importante ter aparecido a copiadora na pesquisa, isso porque este recurso tem bastante influência, ainda, dentro do planejamento de alguns professores. Sendo assim, se considerarmos a copiadora uma ferramenta de informação, precisamos cuidar com o que estamos transmitindo através desta.

Dentre os materiais disponíveis na instituição, o datashow, material midiático menos utilizado segundo a pesquisa, foi o mais citado, aparecendo na pesquisa sete vezes, conforme pode ser visualizado na tabela abaixo.

TABELA 4 - OS MATERIAIS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO

Materiais midiáticos citados	Quantas vezes foi citado
Computador/notebook	3
Televisão	6
Internet	3
Som/mp3	5
Máquina digital	1

De acordo com os dados da pesquisa há dois indícios que nos levam a perceber porque alguns professores não se apropriam do datashow. O primeiro é porque não sabem usar, temendo estragar. O segundo é porque fica guardado a “sete chaves”, conforme relatou uma das entrevistadas, ou seja, nem sempre os professores têm acesso ao mesmo.

A internet, a televisão e o som também foram citados seis vezes. Todavia, a internet apareceu apenas três vezes como um material midiático presente na instituição. Isto porque a internet utilizada pelos professores nem sempre é disponibilizada pela instituição, mas é de uso pessoal através de internet móvel obtidas nos aparelhos celulares, smartphones, tablets e em outros dispositivos.

A internet WIFI é uma reivindicação dos professores desta instituição, o que está em aprovação pela direção, porém existe o receio que a internet seja utilizada para outros fins que não sejam pedagógicos.

O computador foi citado também 3 vezes, porém o uso dele se destina somente ao uso da secretaria, direção ou para algum trabalho do professor. Durante esta pesquisa a direção estava fazendo orçamento para compra de um notebook e de mais aparelhos de som com a verba descentralizada.

Outro fato interessante é que o aparelho de DVD foi citado apenas três vezes, enquanto que a televisão seis vezes. Isso mostra uma disparidade, visto que a televisão nesta instituição não tem antena e é somente utilizada com o aparelho de DVD. Seria isto, irrelevante a ponto de não ser citado durante a pesquisa? Seria este um resultado falso da pesquisa? Ou devo considerar que as pessoas que citaram televisão se referiam a televisão com o DVD? O fato é que algumas vezes o receio de ser mal interpretado leva a ocultação de alguns dados, pois durante a pesquisa todos os grupos utilizaram a televisão/DVD. Algumas vezes com intencionalidade e outras como forma de ocupar a criança, mas não foi isso que informou a pesquisa.

3.2 As mídias pouco citadas e mais usadas.

Durante a pesquisa meu olhar esteve direcionado a diferentes mídias como ferramenta de trabalho, e neste tempo percebi que os professores utilizavam o celular para captar imagens das crianças, bem como as máquinas digitais. Porém, na pesquisa a máquina fotográfica e os aparelhos de celulares tão utilizados durante a rotina da creche, foram poucas vezes citados como ferramenta de trabalho. O que levou a esse resultado na pesquisa? Seria desinteresse pelo assunto? Ou seria a ideia que, fotografar as crianças não é uma atividade que faz parte do planejamento e do registro? Será que nos apropriamos tanto desses instrumentos no nosso cotidiano que esquecemos de refletir sobre eles? Abaixo segue a tabela com os dados dos materiais disponibilizados.

TABELA 5 - MATERIAIS MIDIÁTICOS DISPONIBILIZADOS E UTILIZADOS

Materiais midiáticos citados	Quantas vezes foi citado
Computador/notebook	3
Televisão	3
Internet	4
Som/mp3	3
Máquina digital	1

Outro dia, durante um café com as famílias lá estavam as fotos captadas com as máquinas digitais e com os aparelhos celulares, projetadas no datashow para que as famílias pudessem vislumbrar a rotina e as atividades com as crianças. Neste dia, outros questionamentos me vieram à mente. Será que as crianças, protagonistas destes momentos visualizaram antecipadamente estas imagens? Não seria importante antes de mostrar a outras pessoas suas imagens captadas consultar as crianças se aquelas fotos podem ser mostradas? Quantas vezes captamos alguma imagem e não gostamos que ela seja apresentada? Qual nosso direito de expor suas imagens sem consultá-las?

O fato é que falamos tanto em respeitar o direito da criança, mas mesmo sem intenção, acabamos ferindo esse respeito com pequenas ações no dia-a-dia da creche. Todos os dias, as fotografamos, filmamos e revelamos suas vivências a outros sem consultá-las, isso porque realizamos nosso planejamento pensando mais em nós mesmos e não nos maiores interessados que são as crianças. Não seria necessário repensar nossa prática pedagógica neste sentido?

3.3 Onde está a música na Educação Infantil?

Outro ponto que chama a atenção na pesquisa, foi o fato de o som e os CDs com músicas também serem pouco citados. Uma das professoras justificou que há

poucos aparelhos de som e por isso é pouco utilizado. Mas, televisão também só existem duas e esta foi considerada o meio mais utilizado pela mesma entrevistada.

Ainda falando sobre o uso do aparelho de som, percebi que é realmente pouco utilizado com os grupos 4, 5 e 6; e na maioria das vezes quando utilizado não é pensado nas crianças e pelas crianças, mas acaba sendo mais um elemento de rotina, como nos momentos do sono onde as crianças ouvem o ano inteiro o mesmo cd. Isso mostra que o horário de descanso é uma rotina não planejada, mas mecanizada em todos os grupos.

Percebo que o repertório de músicas infantis tem sido substituído por músicas populares, com repertórios apelativos. As músicas tradicionais e folclóricas estão desaparecendo. Por outro lado, quando questionado quais as mídias de maior interesse das crianças os CDs de músicas apareceram em segundo lugar, logo depois dos DVDs.

Ainda no campo de pesquisa, uma das professoras colocou uma caixa de som no momento do parque a pedido de algumas crianças do grupo 6. Como não tinha em sala nenhum cd com música infantil, colocou seu pendrive com músicas de folclore o que não agradou as crianças que pediram outra música. Neste mesmo pendrive tinha a música Gangnam Style do sul-coreano Psy. As crianças dançavam sem parar, juntou-se um grupo de crianças ao redor da caixa. Neste tempo a professora foi em busca de um cd infantil e ao voltar trocou o pendrive pelo cd. As crianças do grupo 6 ficaram decepcionadas, disseram que não queriam aquele cd porque era de criancinhas. Qual o papel do professor em relação a estas mídias?

3.4 O uso da televisão

Como a instituição só possui dois aparelhos de TV, foi organizado um horário por semana para cada turma, que fica ao critério do professor usá-la ou não. Há uma televisão com aparelho de DVD, disposta sobre um armário com rodinhas para ser levada até a sala, e outra televisão maior também com DVD estão dispostos em uma sala específica para este fim. De acordo com a pesquisa o interesse pela televisão e filmes infantis mostrou resultados diferentes.

Na pergunta cinco do questionário que tratava sobre o interesse das crianças pela televisão, em uma escala de 0 a 10, as professoras de um grupo de crianças apresentaram o valor 3, mostrando que não há interesse por momentos de vídeo. Segundo uma das professoras ela relaciona este desinteresse pelas muitas experiências com a televisão na creche, por isso a concentração dos mesmos não passa de 15 minutos. Este grupo não descansa (não dorme) no horário do meio-dia, pois era um grupo que faltava bastante no período da manhã no ano anterior e quando chegavam à instituição pela manhã já vinham chorando. Assim, as professoras organizam com eles o que irão fazer durante este período. Em alguns momentos as professoras trazem a televisão para sala onde deitam no colchão para assistir ou, se preferirem, podem assistir os vídeos sentados. Neste momento o interesse deles pela televisão é maior, onde podem trazer filmes de casa para compartilhar com os colegas de classe. Em outros dias brincam no parque em áreas com sombras e longe das salas, evitando atrapalhar o descanso de outros grupos. Há dias em que brincam na sala, desenham, etc...

No final do dia, as auxiliares de sala costumam juntar as crianças na sala de vídeo e este é um momento que também causa alguns transtornos e até choro. Por isso, foi acordado com o grupo que ficariam na sala esperando as famílias. Neste momento as crianças se organizam em grupos onde brincam ou realizam outras atividades de interesse. Desta forma, as crianças que antes faltavam no período da manhã ou chegavam chorando não existe mais, mostrando que o planejamento do professor foi importante neste movimento.

Na mesma pergunta sobre a escala de interesse por vídeos pelas crianças, outro grupo apresentou o valor de interesse entre 6 e 10. O interesse do grupo é com filmes da turma da Mônica e da Dora Aventureira. Uma vez por semana a professora utiliza a sala de vídeo onde procura passar um filme de acordo com o tema trabalhado. No final do dia as crianças são direcionadas a sala de vídeo para aguardar as famílias. Segundo uma das professoras, ela percebe no roteiro das brincadeiras cenas de filmes infantis como Ben 10, Batman e Homem Aranha.

Outro grupo pesquisado conta com duas professoras em períodos distintos e na escala de interesse por vídeos uma das professoras apontou 8 e a outra 8,5. Segundo elas, o interesse do grupo é por desenhos interativos como Dora

Aventureira, Minieinsteins, Pepa e desenhos que envolvem personagens como bruxas e lobos. Uma das professoras utiliza o vídeo uma vez por semana. Segundo ela, utiliza a televisão para passar filmes interativos com relação ao projeto ou que traga ao grupo coisas diferentes que não são comuns em seu cotidiano. A outra professora afirma que tem o horário disponibilizado, mas geralmente não o utiliza, porém no final do dia eles sempre vão para o vídeo. Elas percebem que as crianças incluem em seus roteiros brincadeiras, cenas e falas de filmes infantis, incluindo nestas brincadeiras vocabulários incomuns.

O último grupo pesquisado, de crianças da mesma idade, segundo a professora apresenta o número 10 dentro da escala de 0 a 10, o que não concordou a auxiliar de sala apresentando o número 7. O momento de vídeo relatado pela professora e pela auxiliar, são planejados para dois dias da semana, sendo um livre e o outro referente ao projeto. Além destes momentos a auxiliar de sala relatou que há um momento coletivo de interação com todos os grupos. Como não especificou que momento é este, acredito que se referia ao momento do vídeo no final da tarde, o qual foi observado durante o momento da pesquisa de campo. Quando questionado se percebem no roteiro das brincadeiras das crianças cenas ou falas inspiradas em personagens elas informaram que não, e relataram que o interesse deste grupo é por músicas da atualidade inapropriadas para crianças. Observe as tabelas abaixo:

TABELA 6 - INTERESSE DAS CRIANÇAS PELOS MATERIAIS MUDIÁTICOS

MATERIAL	INTERESSE DA CRIANÇA
Celulares	2
Tablets	1
Computador	2
Câmera digital	2
Televisão	5
Som	3
Datashow	1

Neste interesse pelos materiais midiáticos uma das professoras relatou que o grupo adora dançar, assistir a um filme educativo e usar o Datashow como cinema. Outra professora relatou que seus interesses ficam relacionados com a forma que a tecnologia é utilizada, porém nas conversas o assunto são os computadores, celulares e tablets, relacionados com os jogos que podem utilizar.

TABELA 7 - ESCALA ENTRE 0 E 10 DE INTERESSE EM DESENHOS/FILMES PREFERIDOS NOS MOMENTOS DE VÍDEOS

ESCALA	FILMES PREFERIDOS
3	Qualquer filme, não assistem mais de 15 minutos
8,5	Dora aventureira, minieinsteins, personagens de bruxa e lobo.
7	Todos do Walt Disney
6	Turma da Mônica
8	Dora aventureira, Pepa e os 3 porquinhos.
10	Pica-pau, Dora Aventureira, documentários sobre animais, Ben 10, Tom e Jerry, Galinha pintadinha, Xuxa.

Outro ponto importante da pesquisa está relacionado a vivencia cultural do professor, quando questionei a frequência a eventos culturais, como shows, teatros e cinemas. Em relação ao cinema, apenas 3 professoras disseram frequentar entre 1 a 4 vezes por mês. Uma das professoras afirmou que em relação ao teatro vai quando pode, citando a situação financeira como impedimento. Outra professora relatou que não vai porque tem a disponibilidade de assistir em casa através dos shows e filmes baixados na internet. Outra professora afirmou que não costuma ir. Isso nos leva a pensar que,

Uma conjugação de esforços se faz necessária: mudanças curriculares nos cursos de formação de professores, estímulo a frequência de espaços culturais, descontos para professores nos ingressos, enfim, uma efetiva política de incentivo à formação cultural dos professores.(NOGUEIRA, 2012, p.12)

Mais do que isso, é preciso pensar na formação do professor em relação ao uso das mídias, visto que cada vez mais estaremos inseridos em uma cultura digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo.

Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.

Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.

Pássaros engaiolados sempre têm um dono.

Deixaram de ser pássaros.

Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.

O que elas amam são pássaros em vôo.

Existem para dar aos pássaros coragem para voar.

Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro do pássaros.

O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

Assim como nos aponta Rubem Alves, voltando o olhar para a Educação Infantil, há instituições que são gaiolas e há instituições que são asas. Eu diria que há instituições que ainda não sabem se são gaiolas ou asas, isso porque há educadores que engaiolam e há educadores que se fazem de asas.

Sendo assim, este trabalho veio contribuir para refletirmos em qual lado queremos estar e que educadores queremos ser. Seremos engaiolados pelo nosso receio de usar as mídias e as tecnologias? Engaiolaremos nossas crianças pela falta de reflexão sobre nossa prática pedagógica atrelada ou não ao uso das mídias? Ou, alçaremos vôos junto às crianças, neste mundo cheio de aventuras e de descobertas? Voaremos isolados ou voaremos em bando? Voar em bandos são para pássaros grandes como gansos, cisnes, gruas, pelicanos e flamingos, que voam em bando em formato da letra V. E sabe por que voam desta forma? É voando em formação de V que os pássaros conservam sua energia ao proporcionarem menos resistência ao vento. Estas aves revezam-se na liderança, ajudando-se mutuamente quando cansados. Outro ponto interessante é que para liderar um bando são necessários alguns requisitos como idade, sexo e tamanho do corpo. Os pássaros mais novos dificilmente irão liderar, visto que, não poderiam manter altas velocidades e isso retardaria o grupo inteiro para baixo. Além disso, as pesquisas apontam que a formação em V faz os pássaros bater as suas asas com menor frequência e com isso menos batimentos cardíacos. Conseqüentemente conservam

mais energia e resistência para longas e difíceis viagens. Esse fato também melhora a comunicação e a coordenação do bando, onde podem orientar-se melhor.

Assim é na prática pedagógica, somos pássaros, muitas vezes engaiolados. Alguns percebem a porta da gaiola aberta, se encorajam e alçam vôos solitários como as águias. Mas, antes de pensar nas águias vamos concentrar nossa atenção nos pássaros grandes, naqueles que vivem em bando.

Ao concluir esta pesquisa percebi que minha prática pedagógica e a prática pedagógica de meus colegas de trabalho poderiam ser comparadas ao voo dos pássaros grandes que voam em bando, inclusive em nossa relação com as mídias. E, para isso, peço autorização ao leitor para refletir sobre o tema abordado na pesquisa a partir do que a própria natureza, como as aves, nos inspira.

Nesta reflexão sobre os voos regressei meu pensamento à experiência do vulcão. Isso porque, voávamos em um mesmo bando e nós professoras estávamos a frente liderando, porém, por um momento percebemos que os pássaros mais jovens estavam a frente, na liderança. Neste caso eram as crianças, já que em relação ao uso das mídias pareciam muito mais informadas do que nós professoras. Mas, sendo tão jovens, talvez não resistissem muito tempo à frente, precisavam de líderes experientes e mais velhos que lhes mostrassem caminhos. E foi assim que tomamos a frente dessa longa viagem. Estar à frente nos levou a grandes desafios, entre estes mostrar às crianças que também não dominávamos tudo em relação às mídias. Todavia, foi exatamente isso que mostrou a nossa resistência e experiência contra os ventos contrários. Assim como os pássaros, em alguns momentos nos sentimos cansados e é preciso um revezamento, daí a importância da parceria entre professores e auxiliares, entre outros grupos da instituição com a gestão escolar. Por outro lado, quando estamos a frente precisamos reconhecer que é por um período de tempo e por uma causa, guiar o bando em segurança. Outro ponto importante é que os pássaros que estão atrás gritam encorajando os que estão a frente para manter a mesma velocidade. E quando um pássaro sai do bando por estar doente ou quando é ferido e cai, outros dois pássaros saem da formação para ajudá-lo e protegê-lo até conseguir voar novamente ou morrer, só depois levantam voo para alcançar seu bando. Em nossa prática pedagógica algumas vezes estamos a frente e ouvir os gritos de quem está atrás é a grande diferença. Pode ser o grito das crianças com sua alegria contagiante e pelo imenso desejo de querer saber mais, fazer mais e ser mais. Pode ser o grito dos colegas de caminhada e da equipe

gestora, aplaudindo as conquistas e incentivando a continuar apesar do cansaço. Do mesmo modo quando estamos atrás, somos nós que precisamos gritar encorajando aqueles que estão na liderança, até mesmo quando são as crianças.

Todavia, enquanto estamos no chão, pássaros grandes e pequenos parecem ser iguais. Todos estão ali a espera de um voo. E quando chega o momento do voo em V, alguns pássaros ficam para trás, precisam de mais tempo para amadurecer e voar, talvez até alçar voos solitários como as águias. Outros se colocam a frente para liderar. Assim é em nossa prática pedagógica, dentro de uma instituição somos todos iguais, vivemos em pequenos bandos, uns são mais experientes, outros são líderes, mas o voo é coletivo e cada um tem sua importância. Os que agora iniciam o voo estarão atrás, mas um dia estarão a frente liderando o bando e poupando aqueles que estiverem com pouca energia. No momento certo saberão exatamente a posição que devem tomar para alcançar o destino, ou se não souber, pelo menos entenderá que faz parte de um bando colocando-se na retaguarda e seguindo a liderança.

Desta forma entendo que precisamos alçar voos em V, para poder resistir a longas e difíceis viagens, economizando energias e enfrentando menos resistências. Para que isso aconteça é necessário constantemente refletir sobre nossa prática pedagógica individual e coletiva, bem como as relações com os conhecimentos humanos adquiridos.

Paulo Freire (1987 , p. 77,apud Schöminger, 2010) assinala que:

A prática educativa que, coerente com o ser que estamos sendo, desafia a nossa curiosidade crítica e estimula o nosso papel de sujeito do conhecimento e da reinvenção do mundo. Esta no meu entender, é a prática educativa que vem sendo exigida pelos avanços tecnológicos que caracterizam o nosso tempo. (SCHOMINGER, 2010,p.38).

Portanto, descartar algumas mídias e avanços tecnológicos por considerá-los ultrapassados, ou abrir mão do uso das novas mídias e tecnologias por não dominá-las não é a prática pedagógica indicada, isso seria engaiolar os conhecimentos que a sociedade já dominou e impedir que os novos conhecimentos cheguem dentro das instituições. Até porque as crianças não deixarão de usá-las e nem lhe será desconhecido as novas mídias a esta nova geração. Muito pelo contrário, as crianças estão dominando esses recursos, enquanto nós professores nos encontramos paralisados pelo medo. Se as crianças não dominam, pelo menos não

tem medo de tentar dominá-las, como no vídeo “O buraco no muro”, onde rapidamente as crianças foram se apropriando da linguagem computacional. E neste âmbito o papel da mediação do adulto, e principalmente do educador, é fundamental, auxiliando as crianças no bom uso das diferentes mídias e tecnologias, criando, recriando, reinventando nossa prática pedagógica.

Mas como isso irá acontecer se temos receio até mesmo de dizer que utilizamos a televisão como recurso pedagógico? Qual a insegurança de relatar isso? Por que o receio de sermos mal interpretados, visto que não é o ato de usar ou não que vai mostrar uma coerente prática pedagógica, e sim em como e porque usar?

Percebe-se um cuidado por parte dos profissionais durante a pesquisa ao falar sobre o uso da televisão, todavia, a pesquisa confirmou o que observei durante os anos trabalhando com a educação infantil que há falta de cuidado em sua utilização, entre estes o uso da televisão para manter as crianças ocupadas e silenciosas. Esta, sim, é uma prática que precisa ser banida da educação. Elas não precisam ser ocupadas, visto que sua ocupação deve ser brincar, criar, inventar, etc. As crianças não devem ser silenciadas e sim incentivadas a se comunicar inclusive utilizando as tecnologias.

Se vimos acima que as aves quando voam em V tem o objetivo de ter o mesmo campo de visão e de chegar ao mesmo lugar, por isso voam na mesma direção, dentro das instituições essa direção deve ser o Projeto Político Pedagógico, que vem mostrar o nosso campo de visão e onde queremos chegar. Surge nesse cuidado a importância do registro diário, não apenas para cumprir uma tarefa ou uma técnica, mas como espaço privilegiado de reflexão, como aponta Ostetto (2008).

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Loyola, 2007.

DIDONET, Vital. **É preciso escutar as crianças**. Pátio-Educação Infantil, ano XII Nº 40, julho/setembro 2014. ISSN 1677-3721

FANTIN, Monica. RIVOLTELLA, Pier Cesare., Organizadoras. **Cultura Digital e escola: Pesquisa e formação de professores**. Campinas – SP Papyrus, 2012.

FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal. Projeto Político Pedagógico: Creche Stella Maris Correa Carneiro – Florianópolis - SC, 201.

GIRARDELLO, Gilka. OROFINO, Maria Isabel. **A pesquisa de recepção com crianças, mídia, cultura e cotidiano**. Florianópolis. UFSC/CED/NUP, 2009.

GIRARDELLO, Gilka. FANTIN, Monica. **Práticas Culturais e consumo de mídias entre crianças**, organizadoras. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

MANO, Maíra Kubík. **O cinema como um aliado**. In: Revista Nova Escola online. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/cinema-como-aliado-640534.shtml>. Acessado em 28/08/2014.

MUNARIM, Iracema. **Práticas Culturais e consumo de mídias na cultura de movimento das crianças**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

NOGUEIRA, M.A. **A formação cultural de professores ou a arte da fuga**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação: São Paulo, 2002.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Org. **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

PEREIRA, Silvio da Costa. **Consumo cultural entre professores do ensino fundamental**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

SCHOMINGER, Raquel Regina Zmorzenski. **Blogs de escolas: Possibilidades de Construção de Ambiências Comunicativas**. Florianópolis, 2010.

WIGGERS, Verena. **A Educação Infantil no Projeto Educacional-Pedagógico Municipal**. Erechim: São Cristovão, 2000.

ANEXOS

Florianópolis, 09 de junho de 2014.

ENTREVISTA PARA PESQUISA

A reflexão sobre o planejamento do professor e a influência dos aparatos midiáticos (título provisório).

Caros colegas, esta pesquisa é fruto de trabalho de conclusão do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (NDI/UFSC) e tem como objetivo refletir sobre nossa prática pedagógica atrelada à cultura midiática. Como forma de preservar a identidade de cada um, os nomes serão omitidos na pesquisa bem como outros dados se assim requisitarem. Comprometo-me a devolver os meus achados como forma de contribuir com nossa prática dentro desta instituição. Conto com sua participação!

Atenciosamente,
Jaqueline Maria Coelho Maciel.

I. IDENTIFICAÇÃO E DADOS PESSOAIS.

SUA IDADE: _____ SEXO: _____

GRUPO QUE ATUA _____

FORMAÇÃO: MAGISTÉRIO ()

GRADUAÇÃO() Qual?

PÓS-GRADUAÇÃO () Qual?

FUNÇÃO DENTRO DA INSTITUIÇÃO:

PROFESSOR EFETIVO() PROFESSOR SUBSTITUTO ()

TEMPO DE TRABALHO NA INSTITUIÇÃO:

TEMPO DE TRABALHO NA REDE PMF:

II. USO PESSOAL DOS MATERIAIS MIDIÁTICOS.

QUAIS TECNOLOGIAS DIGITAIS/MÍDIAS VOCÊ UTILIZA NO SEU COTIDIANO, PARA USO PESSOAL?

VOCÊ COSTUMA FREQUENTAR EVENTOS CULTURAIS, COMO SHOWS, TEATRO, CINEMAS? SE SIM, COM QUE FREQUÊNCIA?

III. USO DOS MATERIAIS MIDIÁTICOS COMO FERRAMENTA DE TRABALHO.

VOCÊ UTILIZA TECNOLOGIAS DIGITAIS/MÍDIAS PARA PLANEJAR OU REALIZAR SEU TRABALHO? QUAIS?

IV. NA UNIDADE DE ENSINO:

QUAIS AS TECNOLOGIAS DIGITAIS/MÍDIAS SÃO DISPONIBILIZADAS NA INSTITUIÇÃO EM QUE ATUA?

QUAIS VOCÊ JÁ UTILIZOU?

QUAIS VOCÊ NUNCA UTILIZOU? POR QUE?

EXISTE ALGUM MEIO QUE VOCÊ UTILIZA COM MAIS FREQUÊNCIA? QUAIS?

QUAIS AS TECNOLOGIAS DIGITAIS/MÍDIAS QUE NÃO SÃO DISPONIBILIZADOS NA UNIDADE E QUE VOCÊ SENTE NECESSIDADE?

QUAIS OS MATERIAIS MIDIÁTICOS OU FERRAMENTAS QUE SÃO DISPONIBILIZADOS NA UNIDADE E QUE SÃO POUCO UTILIZADOS?

VOCÊ ATRIBUI O POUCO USO POR QUAL MOTIVO?

V. AS CRIANÇAS E AS MÍDIAS.

OBSERVANDO AS CRIANÇAS DE SEU GRUPO VOCÊ PERCEBE O INTERESSE DOS MESMOS PELOS MATERIAIS MIDIÁTICOS? SE SUA RESPOSTA FOR SIM, QUAIS MATERIAIS APRESENTAM MAIOR INTERESSE POR PARTE DAS CRIANÇAS?

EM RELAÇÃO A TELEVISÃO, ENTRE 0 A 10, QUAL O INTERESSE DAS CRIANÇAS PELA MESMA?

QUAIS OS FILMES INFANTIS DE MAIOR INTERESSE DO GRUPO?

VOCÊ PERCEBE NO ROTEIRO DE BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS INSPIRAÇÃO EM FILMES INFANTIS OU PROGRAMAS DE TELEVISÃO? SE SUA RESPOSTA FOR SIM, QUAIS FILMES OU PROGRAMAS?

VI. A ORGANIZAÇÃO DO TEMPO PARA USO DA TELEVISÃO NA INSTITUIÇÃO.

QUAIS OS MOMENTOS DISPONIBILIZADOS PARA O GRUPO ASSISTIR TELEVISÃO? E O QUE É ASSISTIDO?

ALÉM DESTE MOMENTO, HÁ UM MOMENTO COLETIVO PARA O USO DA TV? QUAL? E COMO É ORGANIZADO?
